

Territórios de turismo

CARMINDA CAVACO * [carminda.cavaco@campus.ul.pt]

Resumo | No presente artigo procuramos discutir a existência e a natureza de territórios de turismo, numa perspetiva geográfica. Começamos por refletir sobre os contornos dos conceitos de turismo e de território e o seu cruzamento no de territórios de turismo. Em seguida, procuramos suportar essas considerações teóricas em análises da génese e das dinâmicas sócio espaciais de territórios de turismo exemplificativos e que nos são familiares, como geógrafa e como turista: costa amalfitana, região litoral em crise refuncionalizada pelo turismo desde meados do século XIX; Campos do Jordão, estância criada pelo turismo de saúde (cura da tuberculose em altitude, à imagem de Davos) e convertida, sobretudo a partir de meados do passado século, em destino de férias de montanha em clima tropical, polarizador das classes altas e médias-altas das grandes metrópoles regionais algo próximas e acessíveis (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte); pequenos núcleos urbanos costeiros fortemente transformados pelo turismo de praia das elites e classes altas desde os inícios do século XIX, destronados pela evolução das práticas e dos transportes (águas quentes, mediterrâneas e tropicais; regiões do Sul e de outros continentes) mas mantendo uma forte atratividade regional quanto a residências secundárias e presenças de fim de semana, pelo mar e a praia, o património edificado, os equipamentos desportivos, a urbanidade do lugar, a qualidade de vida local, como no caso de Trouville; lugares criados de raiz em espaços litorais vazios e não apropriados, por iniciativa de investidores ousados, com definição clara dos segmentos de mercado a conquistar e paralelamente, dos planos de urbanização, infraestruturas, equipamentos múltiplos, nomeadamente recreativos (casino, hipódromos, estabelecimentos de banhos, passeios marginais, grandes hotéis e vivendas de prestígio), virando costas às práticas da praia, menos elitistas, como no caso de Deauville; territórios de turismo pouco denso, algo difuso em áreas verdes costeiras, ou velhos lugares portuários evoluindo para destinos balneários, que ganharam prestígio pela presença de visitantes ilustres e famosos ou foram promovidos simplesmente pela presença e apropriação de outros com muito dinheiro e comportamentos ostentatórios, como Tamariz, Saint-Tropez ou Cap de Antibes; por fim, refletimos sobre os territórios de vilegiatura rural, do passado e do presente. Finalmente, concluímos: o turismo ocorre em lugares habitados por não turistas, disputa o território de outros, podendo gerar conflitos mas também solidariedades, complementaridades e oportunidades; mas o turismo também cria territórios específicos em vazios humanos, que induzem a fixação de forasteiros não turistas ao serviço das próprias atividades turísticas e que partilham os usos do espaço, profissionalmente ou como espaço de vida; o turismo disputa territórios rurais, territórios de montanha, territórios litorais, territórios urbanos, valoriza os espaços e o património, gera consumos, induz ofertas, atrai promotores, sustenta dinâmicas, o que não significa que todos os territórios marcados pelo turismo sejam sustentáveis ao longo do tempo, face à evolução e complexificação das práticas turísticas e às dinâmicas de atratividade dos próprios territórios de turismo.

Palavras-chave | Turismo, Território, Lugares de turismo, Dinâmicas temporais, sociais e espaciais.

* **Professora Catedrática** (aposentada) do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

Abstract | In this article we discuss the existence and nature of the territories of tourism in a geographical perspective. We begin by reflecting on the concepts of tourism and territories and their crossing with the concept of territories of tourism. Then, we support these theoretical considerations in the analysis of the origin and dynamics of socio spatial illustrative territories of tourism that are familiar to us, as geographer and as tourist: Amalfi coast, coastal region in crisis *refunctionalized* by tourism since the mid-nineteenth century; Campos do Jordão, resort created by health tourism (curing tuberculosis in altitude, the same as Davos) and converted, especially from the middle of the past century, in mountain vacation destination in a tropical climate, polarizing the upper and middle classes of high-major regional cities something near and accessible (São Paulo, Rio de Janeiro and Belo Horizonte); small townships strongly transformed by the beach tourism of the elites and upper classes since the early nineteenth century, dethroned by the evolution of practices and transport (warm waters, Mediterranean and tropical; southern regions and other continents) but maintaining a strong regional attractiveness as second and weekend homes, by the sea and the beach, built heritage, sports equipment, the urbanity of the place, the local quality of life, as in the case of Trouville; places created from the root in empty and not appropriate coastal areas, by investors bold initiative, with clear definition of market segments to conquer and, at the same time, urbanization plans, infrastructure, multiple equipment, including recreational (casino, racetrack, bathing establishments, promenades, large hotels and prestigious villas), turning back to the beach practices, less elitist, as in Deauville; territories of tourism bit dense, something fuzzy green coastal areas, or old port places evolving to spas destinations, which have gained prestige by the presence of distinguished and famous visitors or were promoted simply by the presence and appropriation of others with much money and ostentatious behavior, as Tamariz, Saint-Tropez and Cap d'Antibes; after, we reflect on the territories of rural *vilegiatura*, past and present. Finally, we conclude: tourism occurs in places not inhabited by tourists, dispute the territory of others, can generate conflicts but also solidarity, complementarity and opportunities; but tourism also creates specific territories in empty human spaces, which induce the settling of non-tourists outsiders, at service of the tourist activities, that share the uses of space, professionally or as living space; tourism dispute rural areas, mountain areas, coastal areas, urban areas, valorizing spaces and heritage, generating consumption, inducing offers, attracting promoters, supporting dynamics, which means that not all territories marked by tourism are sustainable over time, given the evolution and complexity of tourist practices and attractiveness dynamics of the own territories of tourism.

Keywords | Tourism, Territory, Tourism places, Temporal, social and spatial dynamics.

1. Do turismo e do território

No turismo (deslocação e recreação) importa em primeiro lugar o turista, com os seus projetos de recreação, disputando os usos do espaço e o acesso exclusivo a certos lugares, que foi um dos grandes privilégios das elites (Équipe MIT, 2002): quebra das rotinas do quotidiano, dos horários impostos pelo trabalho, das obrigações familiares, das normas sociais; tempo livre, descanso e bem-estar, físico e psicológico; deslocações para fora dos espaços habituais de vida, mudança de ares e de ambientes,

mudanças de lugares e relações com outros lugares e com os que os ocupam, continuamente, de forma regular ou apenas ocasional; viagem, estadia e retorno; projetos sobretudo de repouso, descontração, encontrar-se com a família e os amigos, na praia ou no campo, nas suas próprias casas (gratuidade do alojamento), passear por lugares algo familiares, refletir sobre a própria vida, em busca de novos sentidos para a mesma; projetos também de jogo, de desporto e de descoberta do mundo, com sua diversidade urbana, paisagista, patrimonial e cultural, mesmo gastronómica, ou projetos de compras, nos

dois últimos casos muito dependentes da hotelaria. Numa análise retrospectiva, ressalta a perenidade das práticas, inventadas há mais de dois séculos por uma certa elite, difundidas socialmente até à sua massificação e também espacialmente, tornando-se planetárias, muito embora marcadas por forte diversificação, individualização e autonomização: viagens individualizadas e motivações particulares, como pretendido no ecoturismo, nos turismos ditos alternativos, éticos, inteligentes e mais ainda no turismo participativo e solidário, sem dúvida ainda marginal, no respeito pelas populações, culturas, natureza, benefícios para os residentes dos destinos, nomeadamente pela sua participação direta em projetos de desenvolvimento local; participação do turista na vida das populações locais e participação das populações locais como atores da oferta turística; turismo de base local, em contextos de pluriatividade, plurirrendimento, plurifuncionalidade, informalidades, cooperação, democracia participativa, projeto comunitário (Cavaco, 2011). As escolhas espaciais são tendencialmente pessoais e livres: crescente autonomia, com aprendizagem da mobilidade e da recreação, quando o trabalho perde significado e se multiplicam as mobilidades, as espacialidades pessoais e as pluralidades culturais e sociais. O turismo interage com outras práticas de mobilidade: viagens de negócios, congressos, peregrinações, migrações de trabalho, etc. Os turistas são atores dotados de competências específicas, nomeadamente espaciais e sociais, que desenvolvem com as deslocações e o habitar temporário de outros lugares, turístico ou profissional: aquisição de competências espaciais com a própria prática turística; indivíduos “geograficamente plurais”, que praticam e se identificam com diferentes lugares, pelas trajetórias residenciais e profissionais mas também pelas práticas turísticas (Stock, 2005); capacidade de escolha dos lugares em função das práticas pretendidas, jogando com a informação disponível (guias, internet), mesmo no caso de lugares distantes e algo exóticos; capital de mobilidade (competências, saberes e experiências geográficas), a par do capital económico/rendimen-

tos, capital social/relações profissionais, familiares, de amigos e capital cultural/imaginário. As práticas multiplicam-se ao longo do ano, escapando à sazonalidade, e dispersam-se espacialmente: competências individuais em aceder aos lugares, possibilidades de acesso através dos diferentes meios de transporte e das diferentes formas de organização das viagens e estadias, com maior ou menor autonomia; democratização dos transportes, difusão espacial e massificação das práticas. Os lugares são escolhidos sobretudo pelos próprios projetos de recreação, mais ou menos híbridos, e muitos destinos são polivalentes: ajustamentos ao longo do tempo às evoluções das procuras e das práticas, a par de novos destinos e da conquista turística da ecúmena (Équipe MIT, 2000, 2005, 2011).

O conceito de território mobiliza geógrafos, sociólogos, historiadores, etnólogos, antropólogos e joga com escalas geográficas diferentes: porção de espaço apropriada por um grupo social, segundo lógicas de poder político, administrativo e económico, e valores próprios de natureza cultural, afetiva, social, simbólica; espaço de prática diária, de luta pela sobrevivência, de pertença, de identidade e de solidariedade, de afetos, qualquer que seja a naturalidade dos presentes; paisagem e lugar, com as suas dimensões sociais, culturais e políticas, combinações de sedentariedade e mobilidade, singularidades locais e redes, passado e futuro; espaço ecologicamente diferenciado, com recursos materiais e simbólicos e confrontos de usos, locais e tradicionais ou de raiz exógena; um campo de forças, uma teia ou uma rede de relações sociais, com a sua complexidade interna; espaço apropriado, base geográfica da existência social. Ou simplesmente, uma porção de espaço terrestre definida e delimitada; um espaço ocupado, humanizado, apropriado, vivido, diferenciado, único, identitário, organizado, gerido, ordenado por grupos sociais; o espaço apercebido, desejado, praticado e ocupado individualmente ou em grupo, mesmo com certa exclusividade e de há muito (espaço funcional e simbólico, práticas e memória coletiva, que sustenta o sentido de pertença); espaço de adaptação

das políticas sectoriais, de pertença e de projeto, de mobilização e governança, de negociações e compromissos com vista ao desenvolvimento local bottom-up; desenvolvimento assente nas qualidades ambientais e culturais dos lugares, nas paisagens, e nos sabores específicos das produções tradicionais, na história local, na própria toponímia e em que os habitantes são os atores, como no turismo rural e mais ainda no turismo de base local. Territórios como espaços de mobilidade geográfica, de planeamento e de gestão, de competitividade, de polarização de investimentos, de poder sobre o espaço, de ordenamento e controlo do mesmo: o território pressupõe apropriação económica, ideológica e política do espaço por grupos humanos com a sua história e singularidade (DiMéo, 1996, 1998). Toda a sociedade tem território, produz território, tem mesmo vários territórios, toda a coletividade humana organiza e modela o espaço em que vive através de práticas materiais e simbólicas (Brunet, 1991); há muitas maneiras de criar território, de se identificar com os lugares e de estabelecer laços territoriais; os territórios são criados, ganham significados e são destruídos pela ação social e individual (Paasi, 2003); em contextos modernos de grande mobilidade, relevam-se a complexidade das formas de pertença, os tipos de territórios produzidos pela multipertença e as dimensões conflituais na partilha do espaço, quando as relações com os lugares se individualizam. Os territórios são sempre algo objetivos, subjetivos e convencionais, criados pela apropriação económica, ideológica, política e social, não eternos: o facto de habitar o mesmo espaço e frequentar os mesmos lugares, por outras palavras, a proximidade dos lugares de vida, não fundamenta laços sociais, nem garante coesão; a pertença territorial não implica pertença social; acresce a crescente mobilidade das populações, os quadros de vida alargados, uma territorialização de geometrias variáveis, com laços sociais e identidades não locais e de proximidade, valorização das redes de ligação dos lugares e secundarização dos laços de pertença com o solo, do binómio identidade-território. Territórios funcionando a várias escalas e

mesmo em redes de diferentes naturezas, escalas e temporalidades; novos grupos, novos atores, com os seus próprios interesses, novos conflitos e disputas, novos equilíbrios espaciais ou enclaves de domínio exclusivo; diferenças entre os *insiders* e *outsiders*, com seus processos de apropriação, privatização, competição, controle e segregação dos espaços públicos; sobreposição e justaposição de territórios, limites incertos e instáveis, dinâmicas territoriais diferenciadas (*territorialidades plurais*).

2. Poderemos falar de territórios de turismo?

No turismo a relação com o espaço é superficial, efémera, temporal e largamente associada à atratividade da paisagem, elemento de qualificação do território mas dependente do olhar, logo do imaginário do turista: natureza acessível, idealizada, estética, não banal e afetiva, mesmo nas cidades turísticas; turismo de descoberta/itinerância e vilegiatura/habitantes temporários; lugares praticados e familiares mesmo se distantes. Paisagens espetaculares e paisagens comuns, rurais e pastoris, uma natureza domesticada e acessível, mesmo construída, em contraste com o meio de vida habitual, urbano e industrial, como nos parques e jardins e nos passeios marginais das Rivas, com seus alinhamentos de palmeiras, tamarindos, magnólias, seus coloridos de acácias, hibiscos e buganvílias em flor, seus odores de eucalipto, citrinos, alfazema, etc. Paisagens grandiosas (Alpes) ou simplesmente amenas (Cévennes e Périgord), pretensamente identitárias no quadro da vilegiatura, mas sempre idealizadas, mesmo «construídas» pela pintura e em particular pela dos impressionistas, importantes no turismo itinerante e no turismo contemplativo (valores estéticos, elementos de exotismo, vegetais e físicos, etc.).

O turismo pode ser definido como um sistema de atores, imagens e lugares (Cazes, 1992) ou como um sistema de atores, práticas e lugares, lugares

com atributos físicos ou históricos de atratividade, práticas integrando mais ou menos mobilidade, recreação e alteridade: sistema que abrange turistas, lugares, territórios e redes turísticas, mercado, práticas, leis, valores e jogo de outras instituições sociais (Stock, 2003). Os destinos são eleitos em função de práticas. Os lugares são turísticos pela sua frequência por turistas e portanto na medida em que respondem aos seus projetos de recreação. Neles decorrem encontros e relações com o Outro, outros turistas (diferenciados quanto a idades, nacionalidades, profissões, estatuto social, práticas recreativas) e outros residentes, com os seus próprios quotidianos, nos seus próprios territórios, mesmo tratando-se de estadas temporárias, e desse modo de encontros rápidos, algo superficiais. Valorizam-se os contextos de anonimato, acentuado pela renovação social, de turistas que partem e turistas que chegam, de não controlo social, mas buscam-se igualmente contrastes atenuados, em certos lugares e com certos produtos, como nos clubes de férias e nas viagens organizadas e em grupo, sem esquecer as férias repetidas nos mesmos lugares, como na vilegiatura tradicional e nos destinos de aquisição familiar de residências secundárias. Os lugares turísticos destacam-se pelos alojamentos comerciais, com clientelas de passagem pela renovação constante da população turística, pouco fiel, e pelo peso desta face à população residente, a par de espaços de sociabilidade turística, como grandes hotéis, *palaces*, casinos, teatros, passeios públicos e avenidas arborizadas, jardins, espaços de deambulação e encontro, equipamentos desportivos (hipódromos, campos de ténis e de golfe, piscinas e spas), mundanidades mais ou menos em voga, pretensamente luxo e clientelas de renome e distinção. Lugares urbanos de qualidade (concentração, densidade, diversidade de equipamentos e de interações sociais), com atributos de centralidade; a tipologia e as suas dinâmicas são independentes da sua localização, pelo que lugares estruturalmente similares podem existir em diferentes meios (litoral, rural, de montanha, urbano). Por um lado, lugares emblemáticos para certas

práticas e difusão do correspondente modelo, a par de grande número de propostas diferentes em cada destino, ao encontro da diversidade de procura e práticas de recreação. Por outro lado, muitas resiliências, os lugares turísticos antigos mantendo-se como lugares de turismo, embora tenham mudado ambientes, paisagens, clientelas, sociedades locais: os territórios e as sociedades tocadas precocemente ou mais tardiamente pelo turismo permanecem ou mesmo continuam a se desenvolver, traduzindo uma notável adaptabilidade (Équipe MIT, 2011).

O turismo contribui para construir ou reconstruir a identidade dos territórios, alimenta o sentimento de apropriação e pertença, integra as estratégias de desenvolvimento local, valoriza os seus elementos atrativos, as suas paisagens, os seus recursos patrimoniais, mesmo a sua gastronomia: o território como destino e como produto turístico, amálgama de recursos naturais e culturais, bens e serviços atraindo e retendo visitantes (turismo *situado* de Zaoual, 2007). Os territórios são valorizados nomeadamente pelo meio, paisagens, história, cultura, património, acessibilidades, equipamentos, convívio, relações sociais e atividades recreativas, integração e funcionalidade, imagem e atratividade (volumes, origens e diferenciação dos afluxos, permanências, fidelidades, raízes), articulação com outros territórios, marketing e comunicação. Mas são territórios algo precários, que nascem, vivem, envelhecem e renascem, que podem desfazer-se, mantendo-se o turismo. Para o turista, o espaço turístico não é um lugar de vida, um espaço do quotidiano, mas um espaço temporário, não habitual, mesmo para visitantes habituais, algo hedonista, como nas “comunidades de férias” (Duhamel, 2008), lugares de escassa população residente e poucos forasteiros, antes uma população turística fiel, que volta todos os anos, habituada ao lugar e algo enraizada, até porque proprietária das habitações; espaços de forte apropriação turística privada, com dominância de residências secundárias, mas não de condomínios; limitada diversidade social, clientelas largamente regionais, interconhecimento, familiaridade; lugares

calmos, mesmo se elegantes, económicos e sem riscos morais, de escassos alojamentos comerciais; lugares de atrativos fracos para outras clientelas, com projetos de férias diferentes, nacionais e internacionais, como nos territórios turísticos. “Comunidades de férias” também nalguns parques de campismo onde dominam os lugares alugados ao ano para permanência da caravana e onde se volta regularmente, com igual fidelização do destino.

O turismo como motor de um território ou da sua construção: o turismo cria paisagens e identidades territoriais, ao mesmo tempo que por elas é motivado, tanto o turismo doméstico como o internacional, cria lugares e espaços turísticos; no turismo há apropriação pelo olhar, a identidade, o fundiário, o construído, mas não uma relação coletiva com o espaço, um espaço do *viver em conjunto*; cruzam-se diversos olhares, com seus sistemas de valores, de encontro de subjetividades de atores endógenos e exógenos, de diferentes valorizações dos recursos materiais, imateriais ou naturais, de diferentes percepções, valores e legitimidades, de conflitos entre indivíduos e grupos que procuram dele se apropriar: além de turistas, populações permanentes ativas ou simplesmente ociosas e aposentadas, ao lado de populações autóctones, com seus valores e práticas sociais e espaciais, diferentes co-habitações e correspondentes territorialidades. Os territórios como quadro do projeto turístico: recursos, atividades e animação; criação de um “produto” ou de uma «imagem turística» unindo o espaço; colaborações entre atores turísticos e atores do desenvolvimento; turismo responsável e solidário e desenvolvimento sustentável do território; turismo complementar das atividades tradicionais, nomeadamente agrícolas; respeito pelo património, pelos valores culturais e pela identidade da população; clarificação dos papéis e responsabilidades dos atores e sua profissionalização; afluxos, permanências, receitas e interações entre turismo, dinâmicas territoriais e dinâmicas sociais. Os problemas associados à turistificação dos lugares são todavia bem diferentes no caso do turismo interno, em particular de nacionais,

não considerado pelas estatísticas da Organização Mundial do Turismo (OMT), que para muitos especialistas é dez vezes mais volumoso que o turismo internacional e recorre largamente a casas de familiares e amigos, escapando às estatísticas mais gerais e às avaliações dos seus diferentes impactos, mesmo em países que se mantiveram tardiamente à margem destas práticas de mobilidade recreativa.

3. Turismo que (re)funcionaliza velhos territórios em crise

Debrucemo-nos sobre a Costa Amalfitana, na vertente sul da península de Sorrento, num quadro grandioso, reconhecido pela UNESCO em 1997, como paisagem cultural: território declivoso, socacos com limoeiros e vinha, pastoreio nas terras altas; acesso por estrada difícil, estreita e sinuosa; pequenos lugares turísticos de grande beleza, como numa Riviera, únicos pela natureza e pela sofisticação da oferta, pelo peso da história e pelos visitantes, muitos chegando nos seus grandes iates por vezes equipados de helicópteros, casos de Paul Allen e Bill Gates, multimilionários americanos da Microsoft. Destaque para Amalfi, na foz de uma profunda ravina e no sopé do monte Cerreto (1315m), capital histórica da República Marítima, ao mesmo tempo de Gaeta, antes da afirmação de Veneza, Pisa e Génova, dominando na Idade Média o comércio no Mediterrâneo, com Bizâncio/Constantinopla e o Egipto, terminado o monopólio árabe (código do direito marítimo ou *tablas amalfitanas*), vencida e saqueada por Pisa (1135 e 1137) e substituída nas trocas por mar pelo ducado de Nápoles (35km a norte), e que renasceu com o turismo internacional depois da unificação de Itália em 1861 (Henri Johan Ibsen e a Casa de Bonecas, 1879; Richard Wagner e Parsifal, 1882). Um mundo de escadarias, conventos e velhos palácios da antiga nobreza convertidos em hotéis exclusivos, ruas pedonais cheias de restaurantes e lojas, marina com mega iates ancorados no verão, regatas históricas

anuais, desfile pelas ruas de centenas de figurantes com trajes tradicionais dos séculos XII e XIII. Nos anos 20 e 30 do passado século Amalfi afirmou-se como destino de férias da aristocracia e classes altas inglesas; nos meados do mesmo século foi eleita, com Ravello e Positano, pelo *jet-set* norte-americano (Greta Garbo, John Steinbeck e a novela Positano). Um breve olhar pela sua principal oferta hoteleira permite destacar a conversão funcional de edifícios medievais e de antigas *villas*, mantendo traças e introduzindo conforto e sofisticação, a par de ofertas modernas mas personalizadas: Grande Hotel Il Saraceno, como um palácio de um sultão, numa antiga fortaleza do século XI; Grande Hotel Convento di Amalfi num velho mosteiro do século XII, nas encostas viradas ao mar, com claustros árabe-normandos, piscina escavada na rocha, como suspensa entre o céu e o mar; Hotel Luna também inicialmente um convento, com claustro fundado por São Francisco de Assis em 1222, pequena capela, torre de vigia e relógio de século XVI (piratas), em que as celas dos monges foram convertidas em quartos modernos e diferenciados e elegantes suites (suite da Torre frequentada por Humphrey Bogart, Ingrid Bergman, Roberto Rossellini); Villa Felice Relais, adaptada a hotel e dispondo de uma pequena praia privada acessível através de serviço próprio de *shuttle*; Villa Lara, do barão Pierre Beauchamp, no meio de limoeiros, em pleno centro histórico.

Destaque também para Ravello, descoberta pelos viajantes românticos: no alto de uma escarpa, alcançada a 315m do nível do mar, “mais perto do céu do que do mar” para André Gide; vistas panorâmicas famosas; escadas e mais escadas, ruas estreitas, passagens cobertas, pequenos largos; outrora rival de Amalfi, com importantes famílias de mercadores e uma nobreza mercantil; catedral do século XI e alguns palácios e villas da velha nobreza, retomados pela hotelaria de luxo e por restaurantes com estrelas Michelin (palácio della Marra, palácio Ruffolo e palácio Sasso; Villa Cimbrone, Villa Rufolo, e Villa Episcópio). No século XIX, foi descoberta por artistas e intelectuais e conheceu um desenvolvimento turístico culturalmente elitista: poetas e escritores, músicos,

pintores, cantores, gente do cinema, políticos; hóspedes ilustres desde R. Wagner (1880, inspiração de Parsifal na villa Rufolo - jardim mágico de Klingsor) a Churchill, John Kennedy, Mitterrand, a aristocracia de Roma e da Campânia e ocasionalmente Vittorio Emanuele III e a rainha Elena (1944-45). A vertente cultural da oferta turística de Ravello está bem viva no festival de música, essencialmente de música clássica (concertos dedicados a Wagner), inaugurado em 1953 para reanimar o turismo local no após guerra: decorre de abril a outubro, num cenário inesquecível da Villa Rufolo e no moderno auditório de Óscar Niemeyer (cerca de 400 lugares). Destaque ainda para o lugar de Praiano, com suas ruas estreitas, pequena praia, torreões defensivos, catedral medieval, mosteiro de Santa Maria a Castro, outrora indústria da seda, desaparecida no século XIX, enquanto se desenvolvia a exploração de coral, a pesca e por último, o turismo. Domina uma pequena hotelaria, de nível médio, embora também conte algumas unidades de luxo, cinco e quatro estrelas e meia centena de quartos. E também para o lugar de Positano, espalhado por uma íngreme encosta, pequenas ruelas, algo labirínticas, velho porto medieval, forte emigração no século XIX para os EUA e a Austrália, reduzida então a uma pequena aldeia de pescadores. Começou a atrair turistas desde os anos 50, no seguimento do encanto e da escrita de John Steinbeck, de canções dos finais dos anos 60 e mais recentemente de vários filmes: turistas endinheirados da Europa e dos EUA, hotéis famosos e em muitos casos por adaptação de antigos palácios e *villas*; restaurantes e *boutiques* também exclusivos. Turistas muito bem vestidos pelas ruas e uma atmosfera *chic*, moderna, de celebridades.

4. Criação de territórios turísticos de altitude: da cura da tuberculose ao turismo estival

Exemplifiquemos com Campos do Jordão, na fronteira do estado de São Paulo/Vale do Paraíba

com o sul do de Minas Gerais (cerca de 170km de São Paulo, 350km do Rio de Janeiro e 500km de Belo Horizonte), com acesso pela rodovia Floriano Rodrigues Pinheiro (início em Taubaté, a 45km), em plena Serra da Mantiqueira (Mata de Araucárias, plátanos frondosos desde a década de 1940 e repetidas filas de hortências). O município remonta a 1874 (sede a 1628m) e a sua população ronda 50mil, repartida por quatro bairros, Capivari, Jaguaribe, Abernêssia e Parada de São Cristóvão. No seu desenvolvimento destacam-se três fases: exploração do ouro, entre 1703 e 1874; sanatórios, entre 1874 e 1940; e turismo, pós 1940. Como recursos: o clima tropical de altitude, tónico, com verões suaves e invernos algo frios e secos, a pureza do ar, a rarefação da atmosfera, a intensidade da irradiação solar, condições que até aos anos 30 do século XX foram reconhecidas internacionalmente como benéficas no tratamento de doenças pulmonares (Leysin 1450m, Davos 1558m, Zermat 1620m ou St. Moritz 1769m, etc.). Já nas últimas décadas do século XIX, um número significativo de doentes procurava as terras altas da Mantiqueira em busca de cura, por orientação dos seus médicos. Em 1874, um fazendeiro de Pindamonhangaba instalou uma pequena venda, uma escola, uma pensão para “respirantes” (enfermos do pulmão) e uma pousada para forasteiros, criando o lugar de São Matheus do Imbiri, precursor de Campos do Jordão. Nos finais do século XIX, a região contava algumas pensões e pequenos sanatórios particulares, não obstante a dificuldade de subir a serra com burros e liteiras. Durante os primeiros anos do século XX, houve instalação de infraestrutura urbana e de transportes nas cidades de São José dos Campos e Campos do Jordão, a primeira mais popular, acolhendo doentes mais pobres, e a segunda os doentes com mais meios, sobretudo de São Paulo. Foi projetada uma Vila Sanitária, com vinte e oito ruas, quatro praças ajardinadas e uma avenida ao longo do ribeirão das Perdizes, e obviamente redes de abastecimento de água, esgoto e luz: a planta atendia particularmente à topografia e insolação das ruas e das casas. Instalaram-se cada

vez mais sanatórios, pensões e casas para doentes (Filho, 1986; Nogueira, 1950). O primeiro sanatório, o Divina Providência, remonta a 1929, destinado exclusivamente aos ‘pensionistas’, isto é, os que podiam pagar o internamento: “mansão da saúde”; “uma casa para moços e moças de família que estão com os pulmões fracos”. Paralelamente, foi constituída a organização filantrópica Sanatorinhos (1931), com unidades bem mais simples para tísicos pobres e crianças (S-1 em 1931, S-2 em 1933, acolhendo crianças a quem também assegurava escola, e nova ala em 1939, e o S-3 em 1948, com aparelhos médicos e cirúrgicos modernos: os dois primeiros foram desativados e o S3 transformado em hospital de múltiplas especialidades). O Sanatório Ebenezer foi inaugurado em 1935, desativado nos anos 70. A colónia de japoneses criou a “Pensão Báltica” (1938), que recebeu convalescentes vindos de sanatórios. Acrescem ainda o Sanatório Santa Cruz, o Sanatório São Cristóvão, o Sanatório São Francisco Xavier, o Sanatórios de Santos, o Sanatório Sírio, o Sanatório N. S. das Mercês e os pavilhões do Bandeira Paulista Contra a Tuberculose. O Sanatório Santa Cruz, conhecido como “Templo da Saúde”, acolhia a elite dos tuberculosos (carta de apresentação de médicos reputados; sobrenome conhecido): estrutura complexa e decoração requintada; salas de estar, refeitórios, consultório médico, sala de dentista, sala de cirurgia, farmácia, laboratório, postos de enfermagem, cozinha; pátios, solários, jardins, capela, alojamento de hóspedes. Também os Chalés da Vila Jaguaribe eram alugados a preços exorbitantes e acessíveis apenas a tísicos de posse, que evitavam o internamento e o contacto com os doentes mais graves (Queiroz, 1988). Em meados dos anos 40, Campos do Jordão possuía 14 sanatórios, públicos e privados. As dezenas de pensões exclusivas para doentes, a maioria nas vilas Abernêssia e Jaguaribe, completavam a oferta. O Palacete Olivetti, o mais antigo do lugar (1921), foi utilizado como Pensão e Sanatório Campos do Jordão e depois como Hotel Montanhês. Toda uma cidade funcionando como num imenso sanatório: asilos e hospitais, pensões

recebendo doentes abastados do Rio de Janeiro e de São Paulo, residências alugando quartos a doentes, alguns nas suas recaídas comuns. As correspondentes construções incluíam frequentemente grandes varandas cobertas, lugar de repouso ao ar livre ritmado e no silêncio, em cadeiras adequadas, e jardins, à imagem do primeiro sanatório de Hermann Brehmer em Gorbersdorf, na Silésia (1854). E todo um mundo de pacientes, médicos, religiosas e enfermeiros, administradores de sanatórios, funcionários públicos, proprietários de pensões, turistas mais ou menos sãos, familiares de visita aos doentes, o que lhe valeu grande preconceito aos seus habitantes e retardamento do processo do desenvolvimento turístico. O avanço do tratamento quimioterápico de doenças pulmonares secundarizou o clima, desativou os sanatórios, alguns adaptados a colônias de férias: o Sanatório São Cristóvão foi desativado em 1983 e em 1985 passou a abrigar uma colônia de férias; o Sanatório 3 de outubro encerrou em 1981 e em 1983 foi transformado em hotel; algumas grandes mansões também passaram a integrar a oferta hoteleira e a de colônias de férias (Vila Capivari, colônia de férias do CPP – Centro do Professorado).

Entretanto, em 1938 fora decidida a construção do Palácio Boa Vista a 3km da Vila Abernécia, como residência dos governadores do Estado de São Paulo, embora inaugurado apenas em 1964, esboçando a função do lugar como estância de vilegiatura, que induziu o interesse de personalidades do mundo social e empresarial, mandando construir casas de férias e mudando a fisionomia da cidade, de cidade-saúde para cidade-turismo residencial, seguida pela construção de hotéis de classe internacional para a procura propriamente turística: Hotel Toriba em 1943, Grande Hotel em 1944 (casino em 1945-46), Hotel Rancho Alegre em 1946, Hotel Vila Inglesa em 1947 e já em 1962 o Hotel Estoril, que integra atualmente numa mesma cadeia os hotéis Estoril I e II, o Hotel Serra da Estrela e o Hotel Bolonha. Esta nova função foi facilitada pelo zonamento, que precisava a localização de sanatórios, proibida a construção de pensões para doentes na zona residencial e promo-

via a construção de hotéis exclusivamente para turistas, separando os mundos dos doentes e dos turistas. Um decreto de 1940 dividiu a cidade em duas zonas, reservando as vilas Jaguaribe (o primeiro núcleo) e Capivari ao turismo e Abernécia (de “Aberdeen” e “Inverness”, o seu fundador sendo natural da Escócia) para tratamento: oposição médicos/doentes, doentes/sãos, doentes de sanatório/doentes de fora; proibição do acesso dos doentes a certas áreas da cidade, uma cidade segregada. Na zona turística, os hotéis passaram a exigir atestado de saúde dos hóspedes, sendo que alguns deles possuíam aparelhos de Raio X como o Grande Hotel e o Hotel Toriba. No Parque Emílio Ribas era proibida a presença de tuberculosos durante o período de veraneio. A Vila Capivari, nos anos 50 ainda pouco densa e bucólica, é hoje um mundo de chalés e casarões, pousadas e hotéis em estilo alpino, que fizeram de Campos do Jordão a Suíça brasileira: arquitetura de imitação, mesmo das construções oficiais como o pórtico da cidade; atração nacional e mesmo internacional, sobretudo nos meses de junho e julho; algumas colônias de férias e muitas dezenas de pousadas e hotéis, uns recentes, de muitas estrelas e com ofertas sofisticadas como Le Renard ou o Blue Mountain, sem esquecer o Home Green Home, o Hotel Serra da Estrela, o Flat Hotel Palazzo Reale ou o Grande Hotel, fechado desde o início dos anos 80 e reaberto em 1998 também como Centro Universitário Senac, a par de pequenos hotéis-boutique. Cariz alpino reforçado pela toponímia das ruas (ex. Boulevard Genève) e dos estabelecimentos (ex. Hotel Genève, Hotel Refúgio Alpino, Monte Branco Hotel, Estalagem Baden & Wein, restaurante Baden Baden). Um mundo de lareiras e fogões de salas, de botas, casacos e malhas, de *fondues* e chocolates, de lojas de marcas e restaurantes de luxo, de clubes e discotecas. Um mundo onde não faltam sequer grandes festivais de música (Festival de Inverno de Campos do Jordão, no Auditório Claudio Santoro, com cerca de 900 lugares; Festival Internacional de Cinema, Festival de Viola), nem mesmo a Festa das Cerejeiras em Flor, na tradição japonesa, bem como um campo de golfe

(Centro de Lazer Tarundu) e um teleférico (de Capivari ao Morro do Elefante, a 1800m, inaugurado em 1970). Referem-se nove mil camas na hotelaria, 1,5 milhões de visitantes na estação alta, em parte estrangeiros, muitos residentes secundários ou apenas de férias (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte), a multiplicação de congressos e eventos, importante oferta desportiva, de ecoturismo e de turismo de natureza. Entretanto, a Vila Abernécia deteve a hegemonia do comércio subtraída à Vila Jaguaribe, a antiga Vila Nova passando a centro cívico e administrativo de Campos de Jordão e a pólo comercial, depois desviado para a Vila Capivari, pelo menos na sua vertente mais sofisticada (componente industrial de malhas e confeções; tradição do chocolate caseiro, doces e compotas). A rápida expansão dos últimos anos induziu todavia o aparecimento de verdadeiras favelas pelos morros envolventes, com os correspondentes problemas ambientais e sociais.

5. Territórios urbanos fortemente marcados pelo desenvolvimento do turismo

Velhos bairros centrais, mas também antigos bairros industriais, são ocupados e transformados pelo turismo, que neles coabita com outras funções urbanas, valorizando sobretudo o património edificado e as paisagens construídas e humanas, com os seus ritmos e coloridos, e certas formas de alojamento, como pequenos hotéis de charme ou os riades das medinas (Marraquexe); aldeias, vilas e cidades com modos de vida próprios e correspondentes espaços de vida, a que se sobrepôs o turismo, indutor da diversificação de atividades e de atração de população ativa, partilhando com esta e a autóctone os velhos territórios, nuns casos com conflitos diversos noutros com complementaridades e solidariedades, e igualmente de população residente inativa e idosa, atraída pelas qualidades turísticas do lugar, nomeadamente o seu cariz urbano, na continuação do seu modo de vida anterior (dominantemente

urbano e terciário) ou pelo menos dos seus usos e costumes urbanos. É o caso de Trouville: pequeno porto de pesca medieval na foz da Touques, junto da margem direita, com uma vasta praia de areia fina, descoberta por Charles Mozin (ainda em 1825), seguido por Corot (1828), popularizada depois por Boudin, Claude Monet e Pissaro, escritores como Alexandre Dumas, Gustave Flaubert, Marcel Proust e Marguerite Duras, ou o Conde D'Hautpoul, o Barão Clary e Schlesinger (*editeur* de música). Praia de início procurada por banhistas de Dieppe, onde a vida era muito cara, ou de Saint Adresse, bem mais movimentada e de acesso muito mais fácil: nos meados do século XIX, dezenas de marqueses, condes, viscondes, duques, barões, muitas outras dezenas de proprietários e rendeiros, muitos negociantes, alguns médicos, arquitetos, engenheiros, religiosos e alguns estrangeiros, de Manchester e Londres a Berlim, Leipzig e Saint-Petersburgo; mais tarde, no Hotel des Roches Noires (1866), na extremidade das Planches, como um *palace*, pintado por Claude Monet no verão de 1870, todo o Gotha, a aristocracia russa, milionários americanos (ligação Havre - Nova Iorque), alta finança inglesa, industriais alemães, aristocratas franceses, Marcel Proust desde 1880, o conde René de Obaldia (teatro, Academia Francesa). Ao longo da praia, tendo como pano de fundo colinas verdes, muitas *villas* com uma profusão de estilos, neo-normando, neo-gótico, neo-mourisco, persa, renascença, exuberantes, imaginativos, pretensiosos e diferenciadores; a Promenade des Planches desde 1868, e junto desta, cabines de praia típicas Art Déco, quando já se observavam multidões no areal (pintadas por Eugène Boudin desde 1860). O prestígio da "rainha das praias" do século XIX cedeu todavia à concorrência da vizinha Deauville. Trouville manteve uma ambiência bem mais pacata e familiar. Nos meados do século XIX, contava 60 ruas, 3504 habitantes, cerca de 100 barcos de pesca, 2 barcos de recreio, pelos menos 600 marinheiros. Nos princípios do século XX a população elevava-se a 6137 habitantes e tendia a estagnar: apenas 6190 habitantes em 1911 e 6 mil em 1936, menos que

em 1881. Mas um novo máximo foi registado em 1946, com 7585, seguido de decréscimo contínuo, até 4836 habitantes em 2009 (6618 em 1975 e 6429 em 1968), 1/3 com 60 e mais anos. Porém, o número de alojamentos quase duplica o da população. Trouville declinou como destino de férias, mantendo todavia a riqueza, a diversidade e o exotismo patrimonial das *villas* e hotéis do passado século, e obviamente a malha urbana, uma malha complexa, heterogénea, simplesmente estruturada em função da praia e das arribas que a acompanham (uma estreita frente marítima e secundariamente, uma frente fluvial e portuária). Dominam as residências secundárias: 63% residências secundárias ou ocasionais, quase o dobro desde os anos 60; ao mesmo tempo, o número de apartamentos duplicou o de casas. A construção de grandes imóveis modernos não perturbou decisivamente a velha paisagem balnear, nem os novos afluxos saturaram as vastas extensões de areal descobertas em cada maré baixa. Trouville atrai uma nova clientela mais discreta, popular e familiar, sem as celebridades nem o *jet set* de outrora. Polariza como lugar de residência secundária (200km de Paris) muitos escritores, jornalistas, publicitários, realizadores de cinema, comediantes e atores. Os grandes hotéis do passado foram convertidos em blocos de apartamentos, desde logo o Hotel des Roches Noires (1950), classificado como monumento histórico.

6. Deauville: conceção e desenvolvimento integral de uma nova estância

Extensões de sapais e dunas, utilizadas com áreas de pasto (bovinos e ovinos) e de caça, beneficiaram da iniciativa do duque Charles Auguste Louis Joseph de Morny, com *villa* em Trouville: político e homem de negócios, acionista da Compagnie des Chemins de fer de l'Ouest, meio-irmão do imperador Napoleão III, associado ao príncipe de San Donato, ao banqueiro Armand Donon, do Banco Otomano

ou Banco Imperial Otomano (fundado em 1856) e a Joseph Olliffe, médico da embaixada da Inglaterra em Paris, que formaram um consórcio e compraram (1855) 240ha de terra do domínio público para a criação de um novo *resort* mais exclusivo que Trouville, e orientado para a aristocracia e alta burguesia, das finanças e da construção civil (Clary, 1974). Entretanto outras estâncias tinham sido lançadas: Cabourg por Durand Morimbeau em 1853, Houlgate por Victor Deslise em 1854 e Villers-sur-Mer por Félix Pigeory em 1856 ou muito mais tarde Saint Adresse (George Dufayel, grande comerciante de Paris, em 1906: complexo de *villas* elegantes e estilos exóticos, protegidas dos ventos do Norte), o *Nice Havrais*, a que não faltou um *pier* pintado por Raoul Dufy e jardins-esplanadas com vistas para o mar (Monet e o *Garden at Sainte-Adresse*). O plano geral de urbanização de Deauville de 1859 distinguia várias zonas: a beira-mar, junto da Avenida Imperial, antigo caminho dos guardas, a zona residencial de luxo com ruas largas perpendiculares entre si e o casino; atrás desta, a zona urbana popular; junto da colina, a zona mundana com o hipódromo; ao longo da Touques, zona portuária e da estação do caminho de ferro; uma larga avenida ligaria o casino ao hipódromo. Ainda no tempo do duque de Morny, ou seja até 1865, ressalta a drenagem geral do terreno (1859), o nivelamento das dunas, o traçado e elevação das ruas, o desenho e venda de lotes, a construção de dezenas de grandes *villas*, desde logo as dos promotores, nas melhores parcelas, com acesso direto à praia e vista de mar: Morny e a *villa* Sergewna; Olliffe e o Vitória Loge, Donon e a *villa* Elisabeth. Ressalta uma notável mistura de estilos regionais e históricos, fantasistas, e no geral ostentatórios da condição social dos seus proprietários, onde proliferam elementos ingleses, holandeses, suíços, espanhóis, russos, árabes, etc. Muitas persistem e foram classificadas, com destaque para a Villa Strassburger, de estilo anglo-normando (1907), num terreno cedido ao barão Henri de Rothschild ainda em 1875, e que tomou o nome do milionário americano que a adquiriu nos Anos Loucos. Acresce o hipódromo para corridas de

cavalos (1863), a ponte entre Deauville e Trouville, a ponte da União (1861), acessos por caminho de ferro através de Trouville-sur-Mer (cuja gare data de 1863), novas instalações portuárias (1866) facilitando a ligação ao Havre (acostagem dos vapores de correspondência regular), a construção da Terrasse, passeio marginal de 1800m por 20m de largura, entre a praia e o primeiro alinhamento de *villas* (entre 1860 e 1864), com iluminação pública a gás (fábrica de gás desde 1861), onde as senhoras beneficiavam da beira mar sem sujar os vestidos longos, o estabelecimento de hidroterapia (1862), na sua extremidade, junto da Touques, com banhos quentes e frios, de água doce ou de água do mar, que também alugava cabines de banho fixas ou móveis; o casino (1864), de um dos lados deste o Grande Hotel do Casino, com duas centenas de quartos, e por detrás as Arcadas, com as suas *boutiques*; mais além o Hotel des Terrasses (demolido), a igreja Saint-Augustin, a escola, o mercado coberto e o templo da colónia inglesa; no interior, em torno da Place de Morny (à imagem da Place des Etoiles de Paris, com as suas ruas radiais e no centro, jardim e fonte decorativa) e ao longo da rua do Casino, edifícios mistos de comércio e residência dos trabalhadores do lugar, juntamente com vivendas e seus jardins privados (alguma mistura social).

As visitas de Napoleão III e da corte imperial reforçaram a imagem e a atratividade da nova estância, não como praia (excesso de areia e de poeira) mas lugar de encontro ocioso. Com a queda do Império em 1870, clientelas com comportamentos mais discretos, interrupção dos trabalhos portuários, abandono do estabelecimento hidroterápico e sua destruição (1877), ocupação (1875) da parcela ao lado do casino, antes atribuída à construção de um segundo hotel de luxo, pelo "Cercle des propriétaires" (grandes criadores equestres), modificação da praia pelas obras do porto, agravada pelas tempestades do inverno 1874-75 que arrastaram grande quantidade de calhaus para o interior da Terrasse, formando um lago temporário, que dificultava o acesso ao mar, e obrigou à construção de um novo

terraço/passeio (1883) e ao prolongamento das ruas de acesso ao mesmo. Em 1889 fechou o casino e em 1893, este é vendido com o Grande Hotel do Casino, a um importante criador de cavalos de desporto, que o fez demolir em 1895 e prolongou a avenida do Hipódromo até à nova Terrasse. Entretanto tivera lugar a construção da Câmara (1881, remodelada em 1960, no estilo néo-normando), que albergava os correios, e do comissariado de polícia. A atratividade da vizinha Trouville como estância balnear continuava todavia a dominar: pela qualidade da praia, pela fidelidade da clientela, pela diversidade dos serviços de suporte, assegurados pela população autóctone residente, pelas acessibilidades, pelos horizontes a partir das arribas. Para os guias Joanne, Deauville era a vila dos prazeres da aristocracia do Império, enquanto Trouville-sur-Mer uma estância balnear internacional, Houlgate lugar de encontro da burguesia industrial, Cabourg centro literário e teatral, imortalizado por Marcel Proust (*A la recherche du temps perdu, no Grande Hotel*), Honfleur vila de pintores e Villers-sur-Mer estância familiar (Didier, 2005).

Um novo período de forte crescimento ocorre já no século XX: Hotéis Normandy Barrière, no lugar da *villa* des Flots de Botelle, comprada em 1867 pelo conde Roger de Gontaut-Biron, e o Hotel Royal Barrière, no lugar das *villas* La Louisiane do barão Erlanger e da *villa* do duque de Morny, ambos de cinco estrelas; um novo hipódromo e o novo grande casino de luxo, verdadeiro complexo de lazer, com jogos de fortuna e azar (Grupo Lucien Barrière, hotéis de luxo e casinos em França), entre 1911 e 1913; renovação e alargamento do velho hipódromo, com novas tribunas à semelhança das de Longchamp (1911); rede telefónica, novas *boutiques* de luxo, o Café de la Potinière, os armazéns do Printemps, clube de ténis municipal (Law-Tennis), novos espaços verdes por recuo do mar, novas acessibilidades, muitas dezenas de iates e atividades desportivas associadas ao automóvel: presença da alta burguesia da banca, da indústria automóvel ou sua potencial compradora; organização de corridas, desde finais

do século anterior a partir de Paris; desfiles de moda desportiva, concursos de elegância; avenida da beira-mar, Terrasse, ruas largas, retilíneas, planas; lugares de estacionamento e guarda, como antes dos coches, com os estábulos, ao nível privado e dos grandes hotéis; hotéis com lugares para os motoristas; oficinas de reparação nos setores espaciais menos prestigiados, nomeadamente na vizinhança do porto e da estação ferroviária. Este processo foi interrompido com a I Grande Guerra, quando os hotéis de luxo e o casino foram ocupados militarmente, mas retomado nos anos 20, com o reconhecimento como estação climática (1921), ao mesmo tempo de Trouville, a reanimação das atividades do Casino, a atração de personalidades de prestígio como o rei Afonso XIII de Espanha ou André Citroën, a construção (1923) do novo estabelecimento de banhos (conjunto de galerias, átrios e fontes decoradas com mosaicos: Banhos de Pompeia) e da nova Promenade des Planches em madeira exótica, a renovação e expansão do campo de golfe (percursos de dezoito buracos e de nove buracos) e a construção do hotel do Golfo Barrière (1929), na periferia do lugar, as do Yacht-club (1929), do novo hipódromo de Clairfontaine, do aeroporto de Deauville-Saint-Gatien (1931), colocando Londres a apenas duas horas, de uma nova gare dos caminhos de ferro (1931), com espaço para os acessos de automóvel (Desert, 1983). Dinamismo de novo interrompido pela crise económica internacional e pela II Grande Guerra (ocupação alemã). O desenvolvimento foi retomado nos meados do século passado, ainda para a alta sociedade e as celebridades da época (a nova Saint-Tropez do norte da França; ricos e famosos, na base do mito e da exclusividade; políticos como a cimeira do G8 em 2011), mas também para clientelas mais discretas (novas acessibilidades, duas horas de Paris), publicitada direta e indiretamente pelo cinema (Claude Lelouch e *Un Homme et une Femme*, 1966, onde os guindastes da imagem indiciam novas construções; Festival do Cinema Americano desde 1975, em setembro; e mais recentemente, o Festival do Cinema Asiático), não menos pelos eventos eques-

tres, regatas de iates, torneios de golfe e de ténis, corridas de automóveis antigos, festivais de jazz, congressos, atividades náuticas (Centro Náutico, piscina olímpica) e aéreas (Aeroclube). Mas também publicitada pela arquitetura dominante (estilo normando, coberturas de madeira, como a Câmara e o Hotel Normandy Barrière; mais de quinhentos edifícios classificados), pelo ambiente elegante algo parisiense (grandes marcas como Hermès, Louis Vuitton, Ralph Lauren, Eric Bompard, com as respetivas boutiques; diamantes, alta costura, peles e couros, perfumes, alimentação *gourmet*); pela presença de celebridades do cinema, da música, da televisão, da moda e do mundo económico e político; pelo centro de talassoterapia (Thalasso Spa Deauville), pelos portos de recreio e o moderno Palácio de Congressos/Centre International de Deauville, além do Casino Lucien Barrière. Muito mais um lugar para ver e ser visto como nos tempos de Coco Chanel, Colette, Josephine Baker ou Mistinguett, do que para banhos e jogos de praia, não obstante a extensão do areal (excessiva e crescente), a multiplicidade de guardasóis e cadeiras coloridas que a povoam e as muitas cabines de banho de madeira com nomes de atores e realizadores de cinema que visitam Deauville aquando dos seus prestigiosos festivais. Lugar de casinos mundanos e hotéis que acolheram filmes, como o Hotel Royal no caso do *Gosta de Brahms?* (Anatole Litvak, 1961), e de enormes extensões de areal algo vazias imortalizadas por Eugène Boudin, ainda nos anos 60 do século XIX, e onde hoje são comuns os passeios de cavalo à beira-mar, de manhã ou nos fins de tarde, na maré-baixa. Turistas que ficam nos velhos hotéis de prestígio, ou que frequentam outras unidades menos sofisticadas como a Résidence La Closerie Deauville, mesmo familiares, ou mais modernas, caso Les Manoirs de Tourgéville, que foram de Claude Lelouch.

Deauville, cidade nova, criada do nada, junto do litoral, com traçado em quadrícula, em função de um hipódromo (hipismo, desporto das elites e fundamento da criação de cavalos de desporto) e outros lugares de acolhimento de uma sociedade ociosa,

sofisticada e de elevado poder de compra. Um lugar de luxo e de festa, com vida própria, relativamente à vizinha Trouville, longe das suas multidões algo burguesas, virada de início para a alta burguesia e a nobreza do Segundo Império, depois para o mundo da grande indústria e do *jet-set* das Letras e das Artes, nomeadamente do teatro e do cinema. A evolução da população residente traduz as dinâmicas do desenvolvimento do lugar evocadas atrás. Uma centena de habitantes nos meados do século XIX (121 em 1851), mas 1150 em 1866, 2874 em 1901, 3824 em 1911, quase o mesmo em 1921, 4208 em 1926, 4663 em 1936, 5211 em 1954, e o máximo de 5664 em 1975: depois diminuição, com 4364 em 1999 e 3915 em 2009, menos 1,1% no decénio; então aos de 65 e mais anos cabiam 29% dos homens e 39,9% das mulheres e aos reformados 42,1% da população de 15 e mais anos, sendo 77% com 55 e mais anos (INSEE, Instituto Nacional de Estatística de França). Acrescem os muitos residentes sazonais e de fim de semana, sobretudo parisienses (*Deauville, o 21e arrondissement de Paris*): num total de 8080 alojamentos em 2009, 69,2% eram residências secundárias e alojamentos ocasionais (66,9% dez anos antes), designadamente apartamentos (76,5%, contra 70% em 1999). Acresce também a clientela da hotelaria (19 unidades com 1087 quartos em 2012, dos quais 543 nos de quatro e cinco estrelas), multiplicando a população presente nos fins de semana e no verão. Deauville vive atualmente dos congressos, festivais de cinema e turismo de fim de semana.

7. Territórios promovidos por alguns dos seus turistas: de George Sand a Scott Fitzgerald, de Brigitte Bardot a Roman Abramovich

São muitos os exemplos possíveis. É o caso de Tamariz, lugar calmo, isolado, junto de La Seyne-sur-Mer, vizinho de Toulon e não longe de Hyères,

promovido por George Sand, baronesa Dudevant: permanência de três meses, em 1861, por motivos de saúde, com família e criados, na *villa Tamarins*, numa colina coberta de pinheiros, azinheiras, sobreiros e arbustos mediterrâneos, com o mar aos pés, exposta a leste e protegida do mistral; um “paraíso terrestre” imortalizado no seu romance *Tamaris*. O arquipélago Li Galli em frente de Positano (três ilhas, a maior habitada; “ilhas das sereias”, doadas no século XIII ao mosteiro de Positano), é também um bom exemplo: adquirido em 1924 pelo coreógrafo e bailarino russo Leonide Massine a um outro coreógrafo russo Diaghilev, onde fez construir uma magnífica *villa*, remodelada por Le Corbusier, desabitada por mais de uma década e adquirida nos finais dos anos 80 por Rudolf Nureyev: torre do século XII, Casa laranja/Villa Giovanni, Casa Branca e pequena capela com capacidade para uma vintena de pessoas, pouso para helicópteros, estúdio de dança na torre, mausoléu com motivos árabes. Com a sua morte em 1993, foi uma vez mais vendida a um hoteleiro italiano que a explora por arrendamento, os hóspedes chegando de barco ou de helicóptero (piscina com água do mar, iate). Caso também de Juan-les-Pins, área de pinhais à beira-mar, descoberta pelo duque d’Albany, filho da Rainha Vitória, por volta de 1880, mas projetada nos anos 20 com a presença de artistas americanos: banhos de sol na praia, vida descontraída, jazz; atmosfera exuberante retomada depois da II Grande Guerra como a Nova Orleães da Europa (Sidney Bechet) e desde 1960, o Festival de Jazz (Juan les Pins, resort estival e *party town*). Ou Saint Tropez, pequena aldeia de pescadores, cuja luz encantara Paul Signac e inspirara Matisse, desde os anos 20 atraía gente do mundo da moda como Coco Chanel e Elsa Schiaparelli, mas lançada internacionalmente por Brigitte Bardot (*E Deus criou a Mulher*), os Pink Floyd (*San Tropez*) e DJ Antoine (*Welcome to St. Tropez*), acabando por polarizar o *jet set* europeu e americano. E não menos de Cap d’Antibes, promovido como destino de verão pelos americanos Gerald Clery Murphy e Sara Sherman Wiborg nos anos 20 (*villa América*, Hotel

du Cap), polarizando artistas e escritores de renome como Zelda e F. Scott Fitzgerald ("Terna é a Noite"), Ernest Hemingway, John Dos Passos, Fernand Léger, Jean Cocteau, Pablo Picasso. O lugar fora descoberto por Gustave Thuret nos meados do século XIX, tendo-se seguido a construção de algumas *villas* e castelos: *villa* Touret, 1856; *villa* Eilenroc, anos 1860; Hotel Éden Roc, de 1870, o primeiro da Côte d'Azur a funcionar de verão; Chateau de la Croë 1927 (William Pomeroy Burton, aristocrata inglês, também proprietário da *villa* Barbara, no Cap Martin, em 1952 comprado por Stavros Niarkos, da família de Aristote Onassis: contava então mais de três dezenas de empregados); *villa* Aujourd'hui, 1938, que acolheu Charlie Chaplin e Marilyn Monroe; *villa* Thenard do Barão Louis-Jacques Thenard. No total, quatro a cinco mil *villas*, algumas sumptuosas, no meio de grandes parques, muitas funcionando como residências secundárias de uma sociedade endinheirada, que também disputa Cap Ferrat; grandes parques privados com espécies exóticas, ao gosto da época. A paisagem, largamente fruto da intervenção humana, sensibilizara George Sand, Nikos Kazantzakis, Graham Greene, Maupassant, bem como Claude Monet, Eugène Boudin, H.E. Delacroix. No início dos Anos Loucos Cap d'Antibes atraía, como toda a Riviera, a alta sociedade, sobretudo inglesa e russa, sem excluir a grande burguesia americana. O Chateau de la Croë foi residência de Édouard VIII do Reino Unido após a abdicação do trono em 1936. Acolheu muitos outros reis e rainhas, príncipes e marajás, presidentes e homens de negócio e sobretudo gente das artes e do cinema. Cap d'Antibes atrai ingleses, também irlandeses, europeus do continente, nomeadamente da Europa de Leste, brasileiros e argentinos, além de americanos, e é cada vez mais um destino preferido pelos novos bilionários russos, para compra dos melhores imóveis e organização de grandes festas, desde logo Boris Berézovski (compra em 1997 do Château de la Garoupe), depois pelo próprio Roman Abramowitch, que em 2004 adquiriu a villa do Clocher e o Chateau de la Croë e os renovou com todo o luxo. Domina

uma atmosfera *cool* e boémia, que se prolonga pela Baía dos Bilionários, com seus iates de luxo.

8. Territórios de vilegiatura

Turismo sedentário, estadas temporárias, das *villas de otium* romanas às das elites italianas do Renascimento (enriquecimento urbano, nomeadamente das repúblicas marítimas como Pisa/Florença, Veneza, Génova), de que resultou um importante património material e imaterial que fundamenta diferentes formas de turismo atuais, nomeadamente de estadia e de descoberta, como no Canal de Brenta (Boyer, 2008, 2008a). Territórios de pertença (residência de férias) e de projeto de vida (residência pós reforma): novas práticas residenciais, mobilidades de ativos e de reformados. Práticas de distinção da aristocracia e grande burguesia, depois imitadas pela pequena burguesia, com seus extremos, satirizados por Goldoni (1762), na sua Trilogia da Vilegiatura: A mania da vilegiatura, As aventuras da vilegiatura e o Regresso da vilegiatura, ou seja, os preparativos para a festa, a viagem e estadia, com muitas peripécias, frivolidades, intrigas, problemas sentimentais, projetos de casamento, e o retorno e balanço, por parte de uma nova pequena burguesia provinciana e pretensiosa (Livorno), gastando somas enormes e endividando-se para passar um mês de repouso no campo com os amigos, numa aparência de luxo, com seus excessos patéticos e sacrifício do quotidiano, mesmo no campo da alimentação, até à ruína. Práticas difundidas pelo mundo ocidental e intensificadas com o rousseanismo do século XVIII, estivais nas estâncias termais, de montanha e marítimas e invernal nas riveiras mediterrâneas (de outubro a maio), desde a segunda metade do século XVIII, até ao seu rápido declínio desde 1930, destronada pela valorização dos banhos de mar e de sol e pelos desportos na neve (Boyer, 2009). Prologaram-se com modalidades cada vez menos sumptuosas, com a democratização dos seus proprietários: após a

II Grande Guerra, explosão entre as classes populares de raiz rural e camponesa, como valorização de pequenos patrimónios herdados e possibilidade de habitações permanentes aquando das reformas, num regresso às origens e a pequenas agriculturas de complemento, quando os espaços rurais de origem não se desertificaram e ganharam urbanidade em termos de acessibilidades e serviços, mesmo lúdicos, o que também induz alguma aquisição de forasteiros (neoruralismo), em paralelo com as periferias populares das estâncias de turismo, sobretudo balnear (Dubost, 1998; Urbain, 2002). Os acessos marítimos e fluviais, as velhas estradas, a rede dos caminhos de ferro e a nova rede rodoviária explicam largamente a sua dispersão espacial a partir das grandes cidades de cada época, ultrapassando fronteiras, caso dos alemães na ilha Maiorca, dos ingleses e alemães no Baixo Algarve, ou dos ingleses na Dordogne ou no Périgord, como outrora em Pau e Hyères (Roux, 2001). O turismo é frequentemente considerado como um dos vetores dos projetos de desenvolvimento local (Violier, 2008) e foi no geral fator de modernização territorial, nomeadamente no campo das acessibilidades, infraestruturas e equipamentos, dos valores e das dinâmicas sociais, ao mesmo tempo que tende a valorizar muitos dos traços até então ignorados, que passam a recursos turísticos (ar, sol e vento, águas, neves e vulcões, planícies e montanhas, paisagens e horizontes, aldeias e velhas ruelas, ruínas, castelos e igrejas, modos de vida, tradições, exotismo, organização social, governança, etc.).

Conclusão

O turismo identifica-se pelas práticas de recreação em lugares outros que os espaços de vida (diversificação crescente de práticas de repouso, descoberta, jogo, diversão), lugares no geral habitados por não turistas, com os correspondentes espaços de vida, presenças de forasteiros que podem gerar

conflitos mas também oportunidades (de trabalho, de negócio, de valorização de patrimónios materiais e culturais). Ao longo do tempo as diferentes práticas turísticas marcaram certos territórios e criaram outros, mesmo tratando-se de presenças de curta duração, apressadas, de recreação, muitas vezes sem retorno, menos nos casos de turismo interno e de vilegiatura, em particular quando enraizado através da posse de residências secundárias: presenças repetidas, interconhecimento, familiaridade, participação e até envolvimento em projetos locais, solidariedade entre turistas e entre turistas e não turistas, sentido de pertença e de partilha dos territórios, etc. De um lado, lugares artificiais com grandes concentrações próprias do turismo de massa, mesmo se individualizado e sem intermediação ou quase (internet, *low cost*, automóvel), como os parques temáticos e em particular a Disneyland. Noutro extremo, territórios de turismo espacialmente difuso, que são territórios de uma população autóctone residente com seus modos de vida mais ou menos tradicionais que muitas vezes emigra, com pequenas ofertas de alojamento turístico e equipamentos de lazer complementares. Pelo meio, lugares de desenvolvimento mais ou menos ao sabor das iniciativas particulares, territórios de turismo criados em espaços pouco explorados e valorizados, para uma clientela sempre em renovação, onde se integram os espaços de vida dos trabalhadores atraídos pelas próprias atividades turísticas, delegados para as periferias menos valorizadas, e que no geral acompanham a evolução das práticas e das clientelas turísticas, da praia e das grandes festas no Casino, nos Grandes Hotéis ou em palácios privados ao surf e ao MICE (*Meetings, Incentives, Conferences and Exhibitions*), dos hotéis de muitas estrelas e grandes *villas* aos apartamentos. Mas também lugares urbanos partilhados pelos turistas e refuncionalizados em sua atenção (patrimónios, circulação, equipamentos, eventos, animação), com partilha dos territórios pela população da cidade, residente ou atraída regularmente pelas suas múltiplas funções urbanas, e pela população turística (Duhamel & Knafou, 2007).

Bibliografia

- Alphandéry, P. (2004). Territoires en questions: pratiques des lieux, usages d'un mot. *Ethnologie française*, 34(1), 5-12.
- Berthelot, J.-M., & Hirschorn, M. (Dirs.). (1996). *Mobilités et ancrages. Vers un nouveau mode de spatialisation?*. Paris: L'Harmattan.
- Boyer, M. (2008). *La maison de campagne, XVIII-XXIème siècle. Une histoire culturelle de la résidence de villégiature*. Paris: Autrement.
- Boyer, M. (2008a). *Les villégiatures du XVIe au XXIe siècle: un panorama du «tourisme sédentaire»*. EMS.
- Boyer, M. (2009). *L'hiver dans le Midi, L'invention de la Côte d'Azur XVIIIème - XXIème siècle*. Paris: L'harmattan.
- Brunet, R. (1991). *Le territoire dans les turbulences*. Paris: Reclus.
- Cazes, G. (1992). *Fondements pour une géographie du tourisme et des loisirs*. Paris: Editions Bréal.
- Cavaco, C. (2011). Turismo rural comunitário e desenvolvimento local na América Latina - Um olhar europeu. In *Turismo Rural. Iniciativas e inovações* (pp. 143-213). Porto Alegre: UFROS Editora.
- Ceriani, G., Duhamel, P., Knafou, R., & Stock, M. (2005). Le tourisme et la rencontre de l'autre. Voyage au pays des idées reçues. *L'Autre*, 6-1, 71-82.
- Ceriani, G., Gay, J.-C., Stock, M., Violier, P., Knafou, R., & Coëffé, V. (2008). *Conditions géographiques de l'individu contemporain*. *Espaces Temps.net, Travaux*. Acedido em <http://www.espacestemp.net/articles/conditions-geographiques-de-lrsquoindividu-contemporain/>
- Ceriani, G., Knafou, R., & Stock, M. (2004). Les compétences cachées du touriste. *Sciences humaines*, 145, 27-31.
- Clary, D. (1974). *Tourisme et villégiature sur la côte normande*, thèse d'Etat, Caen.
- Debarbieux, B., & Vannier, M. (Dirs.). (2002). *Ces nouvelles territorialités qui se dessinent, La Tour-d'Aigues*. Éditions de l'Aube/DATAR.
- Desert, G. (1983). *La Vie quotidienne sur les plages normandes du Second Empire aux années folles*. Paris: Hachette.
- Didier, H. (2005). *Deauville: création et développement urbain*. In *Situ, revue des patrimoines* [en ligne], 6. Acedido em http://www.insitu.culture.fr/article.xsp?numero=6&id_article=hebert-434
- Di Méo, G. (1996). *Les territoires du quotidien*. Paris: L'Harmattan.
- Di Méo, G. (1998). *Géographie sociale et territoires*. Paris: Nathan.
- Dubost, F. (1998). *L'Autre Maison: la résidence secondaire, refuge de générations*. Paris: Editions Autrement.
- Duhamel, P., & Knafou, R. (Dirs.). (2007). *Mondes urbains du tourisme*. Paris: Éd. Belin, Coll. Mappemonde.
- Duhamel, P. (2008). Les communautés vacancières. Définir un nouveau type de lieux touristiques à partir de la Côte d'Albâtre (Seine-Maritime). *Noréis*, 206(1), 21-36.
- Équipe MIT (2000). La mise en tourisme des lieux: un outil de diagnostic. Paris, Belin: *Coll. Mappemonde*, 57(1), 2-6.
- Équipe MIT (2002). *Tourismes1. Lieux communs*. Paris, Belin: Coll. Mappemonde.
- Équipe MIT (2005). *Tourismes2. Moments de lieux*. Paris, Belin: Coll. Mappemonde.
- Équipe MIT (2011). *Tourismes3. La révolution durable*. Paris, Belin: Coll. Mappemonde.
- Filho, B. (1992). História social do tuberculoso: perspectivas documentais. *Cadernos de História e Saúde*, 2, 42-50.
- Filho, P. (1986). *História de Campos do Jordão*. Editora Santuário.
- Goldoni, C. (cerca 1762). Villeggiatura: Living on Credit, Pushkin's Boris: Tyrants Hélène Velasco-Graciet (2006), «La reconnaissance rurale, l'exemple du département de la Dordogne», *Ruralia* [En ligne], 18/19. Acedido em 6 de maio de 2013, em <http://ruralia.revues.org/1271>
- Jolivet, M.-J., & Léna, P. (2000). Des territoires aux identités. *Autrepart*, 14, 5- 16
- Le Berre, M. (1995). Territoires. In A. Bailly, R. Ferras & D. Pumain (Dirs.), *Encyclopédie de géographie* (pp. 601-622). Paris: Economica.
- Nogueira, O. (1950). Vozes de Campos do Jordão: experiências sociais e psíquicas de tuberculoso pulmonar no estado de São Paulo. *Sociologia*, São Paulo. Re-editado em 2009, pela Ed. Fiocruz, Rio de Janeiro.
- Paasi, A. (2003). Region and place: regional identity in question. *Progress in Human Geography*, 4, 475-485.
- Queiroz, D. S. (1988). *Floradas na serra*. Rio de Janeiro: Ed. Record.
- Roux, M. (2001). *Habiter en poète. Le ré-enchantement du territoire (2). Le territoire dans les sillages de la complexité*. Acedido em <http://www.antioche.net>
- Stock, M. (Coord.). (2003). *Le tourisme: acteurs, lieux et enjeux*. Paris: Belin.
- Stock, M. (2004). *L'habiter comme pratique des lieux géographiques*, *Espacestemp.net*, Textuel, 18 décembre
- Stock, M. (2005). *Les sociétés à individus mobiles: vers un nouveau mode d'habiter?*, *Espaces Temps.net, Works*. Acedido em <http://www.espacestemp.net/en/articles/les-societes-a-individus-mobiles-vers-un-nouveau-mode-drsquohabiter-en/>
- Stock, M. (2007). Habiter touristiquement la ville. In P. Duhamel & R. Knafou (Dirs.), *Mondes urbains du tourisme* (pp. 25-29). Belin.
- Urbain, J. D. (2002). *Paradis verts: désirs de campagne et passions résidentielles*. Paris: Editions Payot.
- Vanier, M., & Alii (Dirs.). (2007). Territoires, Territorialité, Territorialisation: et après ?. *Actes des entretiens de la Cité des territoires*, Université Joseph Fourier, Grenoble.
- Violier, P. (2008). *Tourisme et développement local*. Paris: Belinsup.
- Zaoual, H. (2007). Du tourisme de masse au tourisme situé. Quelles transitions?. *Revue Organisations et Marché*, 3, 155-182.